ANO 3.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1923 N.º 718

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

MOEDAS

O papel moeda que os Estados, em situação financeira periclitante, emitem ,é um alimento tão pouco solido que quanto mais se come tanto maior é a fome que produz.

Representa um verdadeiro circulo vicioso: fazem-se emissões para acudir á falta de numerario, mas como delas resulta rigorosamente, a desvalorisação do mesmo, novas torrentes de papel teem de ser lançadas no mercado.

Não ha exemplo mais tipico de que o celebérrimo tonel das Danaidas — que nunca se enchia, porque não tinha fundo — não é um simples mito, porque corresponde a uma realidade.

A circulação fiduciaria tende sempre a alargar-se e a empobrecer-se.

Veja-se o que se passa com o orçamento do *Reich:* em 1914, as suas receitas montavam a pouco mais de 3.500 milhões de marcos...

Agora que a Alemanha se afunda, sob Himalaias de notas, atingem já muitos biliões de marcos, cujo valor em ouro fica bastante abaixo daquela soma.

Entre nós, guardadas as devidas proporções, observa-se o mesmo: cada novo alargamento de circulação fiduciaria arrasta, matematicamonte, debaixo do aspecto duma opulencia enganadora, um acrescimo de miseria.

Não ha calculos que resistam ás variações e depressões do cambio, pois o que agora vale dez, amanhã vale cinco.

Os impostos emagrecem como tudo. Na vida domestica, não ha dinheiro que chegue.

Os preços sobem desordenadamente, sendo necessario reforçar de continuo as verbas necessarias para encher o cabaz das compras.

Os vencimentos dos funcionarios, os salarios dos trabalhadores esticam-se, como as azemolas famintas que lutam para subir uma grande ladeira, esmagadas sob o peso da carga.

Quem beneficia com o festim macabro das emissões?

Todos os que, obcecados pelo seu egoismo, resolvem devorar os fructos do honesto trabalho, da laboriosa inteligencia e da fecunda produção.

Não criam riquesa, sugam o pão alheio.

Tratemos de evitar que estes se tornem senhores da Cidade.

Voltemos ás virtudes que dignificam os povos: economia, honradez, respeito pelo esforço dos outros e coragem para arrostar com as provações, até que as vençamos, á força de sacrificios.

FIGURAS DO DIA

«LA GOYA»

na canção «La flor del mal»

APESAR de se afirmar que o dia de hoje não passaria sem graves dificuldades de ordem financeira, manda a verdade que se diga que tudo correu normalmente.

O nervosismo de alguns esbarrou contra o sangue frio do maior numero.

O bom senso triunfou. o que é motivo para nos felicitarmos. E' inegavel que a hora não se compadece com optimismos roseos, mas tambem não justifica desconfianças.

Achamos mesmo que as inquietações de hoje hão de trazer efeitos beneficos, não tardará muito.

O governo tem mais que nunca obrigação de velar pela defeza financeira não só do tesouro, mas tambem da praça. Não lhe faltam meios para isso, sem recorrer a novo aumento da circulação fiduciaria. O importante é que saiba agir a tempo e com prudencia.

Convem que chame para o seu lado todas as colaborações desinteressadas e patrioticas, afim de fazer frente a qualquer movimento de desanimo.

A ocasião é excelente para que o estupendo mercantilismo, que, desde a guerra, vem exercendo a sua acção perturbadora, encolha as garras.

Empregue-se a boa medicina e, se tanto for necessario, apele-se para a grande cirurgia.

Haja, sobretudo, firmesa e decisão.

O publico, no seu proprio interesse, necessita desviar-se dos centros em que os boatos nascem e se propalam com desvairamento febril.

A calma voltará a pouco e, restabelecida ela, há-de vêr-se, então, que a tormenta não era tão grande, como muitos julgavam.

* * *

DENTRO de pouco tempo, a não ser alterada neste ponto a nova pauta, o papel que actualmente paga um imposto minimo, passará a pagar de direitos 1$50 em quilo.

A situação aflitiva que a imprensa atravessa, tornar-se-ía—se não se tomassem as providencias que o caso requer—insustentavel, porque a maioria dos jornais teria de suspender a sua publicação.

E' isso o que se pretende?

Não ousamos sequer formular tal hipotese.

Estamos certo que o sr. ministro das Finanças não consentirá em tal.

* * *

CONTINUA a saída da população lisboeta que demanda as termas e as praias ou os prazeres dos campos e das serras.

Os comboios partem diariamente á cunha, transportando os que podem livrar-se, um ou dois mezes, da calida atmosfera de boatos e e intrigas em que saboreamos as *doçuras* do estio.

A quanto montarão as quentias necessarias para pagar as despezas da turba veraneante?

Não será esta tambem uma das causas da falta de numerario para as transacções?

Sem grande receio de errar, podemos garantir que muitas dezenas de mil contos devem assim subtrair-se ao giro da nossa praça...

* * *

ESTÁ em Lisboa, partindo, brevemente, para Viseu, onde vai gosar seis meses de licença, o sr. dr. Amadeu da Silva e Albuquerque, nosso consul em Cantão.

* * *

A CONDESSA de Riccolinium—uma das mais lindas mulheres da aristocracia itatiana—aderiu ao fascismo, a cujo triunfo vai consagrar toda a sua energia.

A Espanha acaba de passar por um incidente na sua frente oriental de Marrocos. Uma coluna ligeira, atacada de improviso, defendeu-se, mas na defesa sofreu baixas que vão além do limite numa simples escaramuça de guerra de guerrilhas. Não ha que lamentar a Espanha. A sua acção politica no Norte de Africa é para ser discutida pelos seus politicos; a sua acção militar e colonisadora é importantissima e comporta um sacrificio e uma audacia empreendedora que ainda é cedo para poder ser apreciada com justiça. Por isso dizemos que não ha que lamentar. O incidente de ontem é insignificante, mau grado as preciosas vidas perdidas, comparado com o esforço colectivo que o país visinho sem vantagens materiais, está desenvolvendo ha anos a esta parte.

* * *

DEVE chegar brevemente ao Bussaco, visitando em seguida Coimbra, Mme Gabrielle Réval, festejadissima autora do romance — «Fontaine des Amours» — afim de preparar o film que se propõe extrair deste seu livro notavel.

Acompanhar-se-ha de Roger Leon, o celebre «metteur-en-scene» que tanto se distinguiu com a «Sereia de Pedra» de D. Virginia de Castro e Almeida.

Como se trata duma excelente obra de propaganda do nosso país — bela homenagem á mulher portuguesa—esperamos que lhe sejam concedidas todas as facilidades, afim de que a ilustre senhora conheça tambem um pouco as virtudes da nossa hospitalidade.

* * *

A crise de carvão vegetal trás consigo sempre esta consequencia: o roubo no peso. Este roubo acentua-se num processo comesinho de balcão, e que apontamos ao sr. Comissario dos Abastecimentos: a venda do carvão encharcado. A agua pesa no combustivel cêrca de 20 por cento. Não nos parece que estes problemas domesticos se resolvam com o fogo da violencia, mas tambem não se resolvem a agua.

* * *

EDUARDO de Noronha, no seu recente volume—*Pina Manique,* ocupa-se dos costumes, banditismo e policia, no fim do seculo XVIII, principios do seculo XIX. E' uma leitura atraente, ao mesmo tempo recreativa e instrutiva, fertil em noticias historicas e anecdotas a que a linguagem sugestiva e simples do autor imprime um interesse que não sofre a mais ligeira quebra, da primeira á ultima pagina.

* * *

O N.º 21 da *Revista Portugueza,* dirigida por Victor Falcão, além de um desenho de Jorge Barradas, apresenta uma colaboração variada e cheia de interesse assinada por Augusto da Costa, Diogo de Macedo, Alves Martins, Avelino de Almeida, Luiz Vieira de Campas e Alvaro Maia.

* * *

LEMBRAMOS ás várias pessoas que nos enviam os seus escritos, sob a capa do anonimato, que perdem o seu tempo, visto não lhe podermos conceder a pedida publicidade.

* * *

O SR. dr. Julio Dantas prepara um novo livro, que se intitulará *A mulher brazileira.*

Revolução?

Uma carta

Do sr. Antonio J. de Magalhães, membro categorisado do Partido Radical, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director:—Num dos ultimos numeros do vosso apreciado «Diario de Lisboa», veiu á publicidade uma entrevista, concedida pelo meu ilustre correlegionario e querido amigo Moreira Lopes—ex-governador civil do distrito de Castelo Branco, entrevista, em que o meu nome humilde foi envolvido, em virtude dum áparte que dirigi ao entrevistado, apóz uma resposta sua, a uma pregunta do jornalista.

A pregunta do jornalista foi esta:—o que pensa o P. R. R. da oportunidade, para uma revolução?—Ao que o entrevistado respondeu—O P. R. R. nada pensa sobre oportunidades revolucionarias, porque não espera conquistar o poder por meios violentos, quere antes consegui-lo pela «evolução».

A minha discordancia surgiu nesta altura, pelo que observei—«Isso não é bem assim».

O que nunca esperei, é que o jornalista registasse esta frase, e muito menos, que por esse facto, se levantasse tão grande celeuma entre os meus correlegionarios, pois que, alguns deles, bem poucos por sinal, foram até ao ponto de me atribuirem a inteira responsabilidade, das afirmações feitas pelo entrevistado e, de que eu, fui apenas testemunha.

Isto porém, não quer dizer, que eu discorde duma forma geral, das afirmações vindas a publico nessa entrevista. Não; discordei apenas da forma, porque o entrevistado julga viavel, a conquista do poder, pelo P. R. R.

E discordei pela seguinte razão:—Julgo eu, e como eu a grande maioria dos meus correlegionarios, que o P. R. R., deve ser radical no nome e nos processos a empregar para levar a bom termo, a alta missão que lhe está confiada, na politica republicana e nos destinos da «Nacionalidade»—e não é processo radical, principalmente no momento que atravessamos, em que o descalabro moral e intelectual de governantes e grande parte de governados atingiu monstruosas proporções—a conquista do poder por meio da «evolução».

Não! Não é esse o processo!

Em face do constante agravamento do custo da vida; em face da impotencia dos governantes, para meter na ordem essa quadrilha de bandoleiros, constituida por especuladores de toda a especie; em face da pavorosa crise de habitação; em face da impunidade concedida pelos governos, aos autores das roubalheiras, que se teem praticado nos varios serviços do Estado; em face da cumplicidade dos politicos com as grandes empresas e companhias, a cujos interesses se acham escandalosamente ligados; em face das perseguições infames, de que veem sendo vitimas, os republicanos filiados no P. R. R.; em face de toda esta bandalheira miseravel, que tanto contribue para o desprestigio da Republica—o P. R. R. só tem um processo a empregar para a conquista do poder—é a «Revolução!»

Se não a fizer e quanto antes, a derrocada será inevitavel e os seus efeitos sinistros irão sem duvida, até á perda da propria «Nacionalidade».

Esta, é a minha opinião e dela assumo inteira responsabilidade.

Pósso tambem afirmar, sem receio de contestação, que não sou só eu, que assim penso, dentro do P. R. R.—felizmente como eu, pensa a grande maioria dos radicais.

Na «Revolução!»—Na Revolução», que tenha por finalidade o cumprimento do sublime programa do «19 de Outubro», é que está a salvação da Republica e da «Nacionalidade».

E' para ela pois, que irá a minha colaboração desinteressada e o mesmo fará, estou absolutamente convencido, a grande maioria dos meus correlegionarios.

E se assim não fôr, quem «evolucionará para fóra do P. R. R. serei eu... e tenho a certeza que não o farei desacompanhado.

Veio tudo isto a proposito duma frase por mim proferida e trazida a publico pelo «Diario de Lisboa»; é nele, por consequencia que eu espero, ver publicada esta aclaração, pelo que desde já me declaro muito grato e sempre á disposição de V .Ex.ª em tudo o que lhe possa ser util.—*Antonio J. de Magalhães.*

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

SAPATOS DE TENNIS
FORMA INGLEZA A 5:500
SAPATARIA CHIADO
96—RUA GARRETT—98

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TERRAS DE PORTUGAL

O certamen

AGRICOLA E INDUSTRIAL DAS CALDAS DA RAINHA

Caldas da Rainha! Este nome, simples e incisivo, que a fobia dos nossos revolucionarios não conseguiu destruir, é uma toada meiga que nossos ouvidos escutam satisfeitos, quando após horas de caracoleante marcha, o comboio da linha de oeste, pára, ofegante e cançado, ali, para as bandas de Leiria.

Vila deste distrito, as Caldas, como usualmente ouço chamar-lhe, porque do meu distrito ela é e nele mais falada, vem desde a minha meninice enchendo de simpatia e amor a recordação de tudo quanto esses anos passados têm junto, para mais tarde, na hora da saudade, acompanhar o espirito moço embora vivente dum alquebrado arcabouço.

A sua importancia comercialmente honesta, laboriosamente artistica e progressivamente agricola, impõe seu nome e não será a prosa que escreva que junte aos seus pergaminhos um pouco mais de valor ou de retumbancia. Conheço as Caldas ha muitos anos e tenho notado o seu desenvolvimento. Por vezes a politica—que eu não sei se é um bem se um mal que a todos prejudica—atira com o nome de seus filhos ou dos que, como taes, fazem entre seus muros vida, para a grita que o jornalismo incendeia e eleva, no necessario rodopiar de factos elementares ao exemplo de onde se tiram lições, as Caldas desvia o seu labor artistico, comercial ou agricola e vem tambem juntar o peso da palavra áquel'outros que se ouvem hora a hora desde sul a norte de Portugal.

Morto o sussurro, a vila entra na sua laboriosa faina e grão a grão, quasi como na fabula da formiga, impõe o nome por varios motivos, todos eles de orgulho pelo trabalho de seus filhos.

* * *

E' corrente em todas as terras de provincia dizer se mal dos meritos que nelas abundam.

Vicios de portugueses que em muitas ocasiões têm sentido a dolorosa picada dos efeitos! Assim, as Caldas, onde tenho amigos, têm tambem sentido os mesmos destruidores reflexos que na ocasião não sente mas mais tarde palpa pelas consequencias.

Mas apesar disso, talvez porque a população adventicia, que a estação calmosa lhe empresta, o progresso que noto é importante e tem qualidades a apontar.

A parte industrial caminha de perfeição, sendo de justiça sobrepôr a muitas das industrias que proliferam, aquela em que a ceramica toma o primeiro plano. Quando leio—e ainda recentemente o *Diario de Lisboa* publicou varios dados biograficos de Bordalo Pinheiro—frases que são hinos cantados á arte que do barro faz coisas admiraveis, ficome recordando essa infinidade de bibelots que as Caldas exporta e ali vende e alem fronteiras grita por forma acentuadamente portuguesa a habilidade do nosso artista. E ainda recentemente ocasião tive de calar o meu espanto, substituindo-o pelo murmurio religioso dum perfeito embevecimento, daqueles que dobram o meu joelho na ancia de beijar a mão dum artista, quando contemplei, na rua do Ouro, numa pequena montra onde estiveram expostas tres obras primas que só por si fazem o elogio dum povo. Representavam: «O Calvario», a «Ceia dos Apostolos», «Uma janela do Convento ne Tomar».

Mas entre as três uma «A Ceia» só por si valia um poema. Que finura de traços! Que realidade de expressões! Que modelação de figuras, de posições, de conjunto! As mãos que souberam trabalhar o barro para nos dar aquela maravilha, mereciam bem—nós o sentimos olhando quasi esmagados para o rendilhado lindo da Batalha ou dos Jeronimos—que nunca a morte lhes tocasse. Só esse privilegio poderia pagar-lhes o bem que trouxeram á nossa alma de portugueses! Mas tem outras industrias que levam longe o nome bem conhecido das Caldas. Tambem o comercio infatigavel e honesto lhe impõe o nome; a agricultura exporta vagons e vagons de produtos; as aguas termais chamam milhares e milhares de seres a receber no banho ou nos efeitos da sua terapeutica os beneficios milagrosos das qualidades varias em que são prodigas.

Nesta epoca torrida que esgota em todos nós a energia indispensavel para a luta diaria, as Caldas servem ainda de contrabalanço ao esgotante mal, porque estão situadas num ponto que facilmente liga todas as vontades quando o desejo de viajar impõe a sua força.

A cem quilometros distanciada de Lisboa, servida por comboios que encurtam o tempo da viagem, embora não possam dar-nos a comodidade dos grandes trens europeus, as Caldas juntam o util, com o agradavel, conjugam o necessario. Estimo-a por a considerar joia valiosa do meu distrito, mas muito pela importancia propria advinda do laborioso esforço de seus filhos.

Caldas inaugura agora um certamen agricola e industrial, igual ao que recentemente vi na risonha cidade de Santarem. E' de esperar que a sua importancia identica á desta cidade, traga novos ensinamentos ao povo e por isso é de louvar a vontade e perseverança da comissão promotora.

Espinhos e canceiras! Mas Caldas bem pagará a todos, esses esforços dispendidos. Quando vãs glorias não tenham reflexo imediato, valha á nossa qualidade de português a satisfação alegre de notar que a Patria caminha, mau grado todos os estorvos que lhe emprestam aqueles que põem vaidades onde deveriam pôr fé e moderra onde estaria bem trabalho.

Alvaro Neto

LA GOYA
AO PUBLICO

LA GOYA, a celebre «tonadillera» espanhola, que de passagem em Lisboa, se prestou a fazer 3 espectaculos no Teatro S. Luís, alcançando o maior exito de que ha memoria,
Instada pela empresa deste teatro que junto da grande artista interpretou o sentir do publico de Lisboa, LA GOYA presta-se gentilmente a fazer mais uns espectaculos, mandando para isso vir de Madrid os seus scenarios e o resto do seu riquissimo guarda-roupa, e iniciando-se hoje a SEMANA DE LA GOYA EM LISBOA. Os programas serão todos os dias variados. O publico terá ocasião de aplaudir mais algumas noites a divina LA GOYA

MEIAS DE SEDA
Fio d'Escocia e algodão em todas as côres e preços
Peugas para homem em Seda e Fio d'Escocia
Visitem o unico deposito da Fabrica de
A. J. D'ALMEIDA, LT.DA
Rua Arco Bandeira, 70, 1.°

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Agueda, D. Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros Martel, D. Sara Roquete Monteiro Soares de Albergaria, D. Otilia Pinto Leite de Bessa, D. Maria do Carmo Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Luiza de Araujo Sommer, D. Maria Alexandrina de Lima Oom e Miss Mabel Potter.

E os srs.:

Dr. Anibal Roque do Pinho (Alto Mearim), Alfredo Pinto da Silva, Manuel Valente de Mascarenhas, Francisco Correia Mendes e Joaquim de Sousa Teixeira.

Baptisado

Na parequial igreja de Santa Izabel realisou-se ha dias o baptisado de um filhinho da senhora D. Guilhermina Castro Campos Melo Pedrosa e do sr. dr. Virgilio Pedrosa, o qual recebeu o nome de Virgilio, tendo servido de madrinha a senhora D. Laura Steiger Garção e de padrinho o sr. Boaventura José Dias Garção.

—No Estoril realisou-se ha dias o baptisado de um filhinho da senhora D. Julieta Ferreira Fontes Menezes de Castro e do sr. Ferdinando Menezes de Castro, tendo servido de madrinha Nossa Senhora da Conceição e de padrinho o sr. Edgar Luiz Ferreira. A gentil criança recebeu o nome de Manuel.

A caridade

Em Carcavelos

E' cada vez maior o interesse que está despertando a elegantissima festa de caridade que se realisa na magnifica quinta da Alagoa, nos dias 1 e 2 do proximo mês de setembro, organisada pela senhora D. Eugenia de Melo Breyner Cabral da Camara (Belmonte), a qual constará de quermesse, venda de chá e dança.

Como sucedeu o ano passado, tudo que de melhor se conta actualmente veraneando na linha de Cascais ali dará «rendez-vous».

Recita extraordinaria

A notavel «tonadillera» La Goya, que todas as noites atraie ao elegante teatro S. Luiz, tudo que de melhor ainda se encontra na capital, cedeu aos instantes pedidos para dar mais uma serie de espectaculos, cujo primeiro se realisa esta noite e o ultimo no proximo sabado, dedicando a noite de quarta-feira ás principais familias da nossa aristocracia que estão passando o verão em Cascaes e Cintra, apresentando nessa noite um programa sensacional. A insigne artista seguirá directamente de Lisboa para Madrid, não se apresentando como se tem propalado em qualquer das nossas praias dos arredores, por isso é que a celebre «tonadillera» dedica a noite de quarta-feira á nossa primeira sociedade de Cascais e Cintra.

Assistindo nas duas ultimas noites recorda-nos ter visto entre outras pessoas as seguintes:

Madame Lafayeta de Carvalho e Silva, Madame de Rivera, Madame Millet, Madame Sanz y Alzar, D. Maria Fialho de Sousa Coutinho (Linhares), D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Irene de Gouta, D. Maria Luiza da Camara Horta e Costa, Madame Horta e Costa, D. Maria Luiza Beires do Vale Nunes da Silva Moreira de Almeida, D. Lucilia de Sousa Rebelo, Madame Eusebio da Fonseca, D. Maria Silvana on Fonseca Barros e Gomes, D. Maria Freire de Andrade, D. Margarida Cambom Brandão, D. Corina de Antas de Carvalho Megre, D. Rosa Pais Lopes e filha, Madame Oldemiro Cesar, D. Emilia Brederode Smith, D. Maria de Gouta Colaço, D. Virginia Luiza Cardoso, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no S. Luiz, mais um espectaculo da notavel «tonadillera» La Goya.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Maria Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena e sua gentil cunhada D. Maria Antonia, partiu hoje para a sua casa em Castelo Novo, o sr. Luis de Carvalho Daun e Lorena (Pombal).

—Regressou de Paris e Madrid, com sua filha D. Fernanda, a ilustre poetisa sr.ª D. Mecia Mousinho de Albuquerque.

—Acompanhado de sua gentil sobrinha sr.ª D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas) e dos srs. Adolfo de Azevedo e Carlos Figueira Freire, partiu de automovel para Fatela, o sr. conde de Penalva de Alva.

—De Cauterets partiu para Biarritz, com sua esposa a sr.ª D. Andrelina Morais de Carvalho e sua interessante filha D. Laura, o conselheiro sr. Alberto Antonio Morais de Carvalho.

—Para Regilde partiu da sua casa de Coimbra o sr. conde de Feijó.

—Partiram com seus filhos para a sua casa em Cascais, os srs. viscondes do Marco.

—De Paço de Brandão partiu para as Pedras Salgadas, o sr. dr. Camossa Saldanha.

—Com sua esposa a sr.ª D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto e seus filhos, partiu para Cascais, o sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto.

—Regressou a Cascais, vindo da Alemanha, o sr. marquês da Praia e Monforte.

—De Vale de Prazeres regressou o sr. visconde de Assentiz.

—Para a quinta dos Frades, no Valado, partiu com sua esposa a sr.ª D. Gabriela de Serzedelo Iglezias Cayres Fernandes, o sr. Sebastião Cayres Fernandes.

—Partiu para o Porto, donde seguirá para o Bem Jesus do Monte, e de ai para Vidago, com sua esposa, o sr. dr. Viriato de Freitas Sousa Brandão.

—Regressou do Luzo, com sua sobrinha a sr.ª D. Maria Adelaide dos Santos Teixeira, a sr.ª D. Adelaide Martins dos Santos.

—Da sua casa de Guimarães regressou a Lisboa o sr. dr. Fernando de Matos Chaves.

—Do Luzo regressou o sr. Mario Antonio Marques Leal.

—Partiu para a Curia, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Madalena Niny e de sua interessante sobrinha D. Suzana o sr. Carlos Alberto Niny.

—De regresso das Caldas da Rainha partiu para a Felgueira a sr.ª D. Alice Camara Santos.

MAQUINAS DE ESCREVER
DEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 3, 1.° (Proximo á estação).

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 — RUA DA PRATA, 250, 2.°

LITERATURA

AS TRES VOZES

por SEVERO PORTELA JUNIOR

Dialogo entre um fantastico cavaleiro e uma sombra mais negra que a propria vida

E como a nuvem que o perseguia se delisse, o cavaleiro afrouxou o trote e foi vagarosamente caminhando para o calvario, pensando que talvez melhor que a Dôr, fosse a Morte. Ia brandamente cogitando. Um vago perfume de flores orvalhadas deleitava-o e o vento, calando a sua voz rude, era agora uma suave briza enebriante duma melancolia que lhe entorpecia as mais reconditas fibras.

Como o vulto do calvario lhe surgisse pela frente, ia a rodear quando uma voz lhe bradou: «E' verdade, sou melhor que a Dôr.» E o cavaleiro aterrou-se com aquela voz, que era ainda muito maior que a da Dôr. «Sou melhor, continuou aquela voz da sombra, sou melhor porque sou a Morte e a Morte é o Bem.»

E o cavaleiro estacou, escutando a voz, que lhe dizia ainda: «Morte, suprema sintese de tudo que revela vida.»

«Sou a tua sombra, companheira de todos os instantes. Ando na ponta da tua lança.»

E o vento uivava, nos pinheirais, como um cão á lua, emquanto a sombra soava dizendo: «Oh! a materia tomando a forma amanhecente do bambino, alma ainda sonhando que acorda para o *nada* da vida, cheia da Irrealidade purissima da Inocencia, que foge da noite infinita, para a luz do dia; desperta da Morte para a Dôr, existe em Dôr, mas só na Morte viverá.»

Mas Deus não é a Morte, volveu o cavaleiro estarrecido sopeando o corcel. Mas-tomou a voz- na parte do homem mais proxima de Deus que é a creança já a Dor, minha irmã, lhe vae amanhecendo as formas de carne palpitante, para que eu transfigurando o sonho fragil e e efemero em que ella *existe* dar-lhe a realidade eterna em que ela *viverá*. A morte é a Realidade.

«Não creio!» vociferou o cavaleiro andante, interrompendo a voz continuou:

A minha egreja é a do Universo, e todo o mundo resa a Morte pelos labios da minha irmã Dor. As orações que resam são eternas, acabam quando morrerem os ultimos labios, quando secar a unica fonte, e quando Deus de Infinito se torne finito no espaço e de eterno se redusa a limitado no Tempo. Até lá serei *Eu* que dou o beijo auroral na Materia rornando-a vida, e que receberei da vida, o ultimo beijo, que será já, do gelo dos meus labios para a frialdade da minha carne.

«Nem dá esse beijo ripostou o cavaleiro, esse beijo que acorda a Materia inerte, é o Amor.

E uma gargalhada ressuou na escuridão, que por muito tempo as quebradas repetiram em fragor, e que achou no craneo do homem abalando as mais pequeninas fibrilhas, como se tivesse desabado, uma montanha de bronze.

E a voz continuou:

«Podes crer que sou o labio auroral, que dá o beijo fecundo na Materio, e a ilumina tomando-a vida, que atinge o Amor, e que por mim (eu sou a Morte) regressa novamente a Deus.

E o magno cavaleiro, não podendo mais, soergue-se na sua montada alucinado e frenetico, e grita para a Noute, para aquela voz que o afrontava.

«Quando a Morte explue vem revelar a fragilidade da vida e proclama-se eterna. Mas quando Deus a encara, ela enche-se de terror e diz-se Vida. Realmente é da Morte que Deus faz a Vida. — E quando ela se diz eterna, Deus responde pelo sorriso dos astro, pelo perfume das magnólias, e pela miseria da carne, que a vida; é a morte da propria Morte.»

E sorvendo um perfume hausuo continuou ainda com mais vigor:

«Quem resa a Morte, resa tambem a Vida. O Homem diante do milagre da Naturesa, e a Naturesa perante o seu proprio milagre, orguem a oração ascencional, oração escorrendo Dôr, é certo, mas derramando Alegria, oração da Vida que se eleva direitinha a Deus. — O meu caminho não é este, com certesa, é outro o Ideal que busco.»

E espereando o cavalo, o moço guerreiro sumiu-se num turbilhão de poeira galopando num tropel doido, como se fosse para o fragor duma batalha, em que a gloria o estivesse aguardando, para o enfestar de loiro.

E o gargalhar da voz que falára casquinava pavorosa, reboando na nave da noute medonho e profetico, como o desabar duma catedral que os seculos construiram em milagres de prodigios.

Á manhã rompera. O sol de fogo subia glorioso, doirando de reflexos ardentes as moitas dos jasmins e roseiras, irisando as pedrarias scintilantes do orvalho, que eram lagrimas assomando aos olhos das flores. A transparencia da atmosfera matinal diafanisava as fluctuações violetas da curva dos montes, que se estendiam com preguiça na imensidão solene do horizonte.

Dos vales e dos regatos, subiam as nevoas, primeiros incensos que bruxuleiam na paz biblica da manhã, que são esfinges de sonho, suspensos nas alturas e que a noute chorou, á hora mistica do Angelus. E o sol, subindo, vai incendiando os estalactites de orvalho suspensos das petalas, vai irisando a cabeleira farta do arvoredo e polvilhando de oiro o tapete de magarças e de lirios que forram o chão, como espuma alvissima das marés. As umbrosas verêdas e os caminhos estão juncados de violetas e de lirios e as abelhas andam loucas na enternecida volupia de desflorar as corolas, zumbindo enfartadas do oiro candente do polen. A luz forte da manhã vae acordando as mais reconditas espessuras dos vales, esfumando as sombras dos bocos, estremecendo as azas nos ninhos, ungindo de alegria o mistico jardim da paisagem, no beijo espiritual e diafano que a primavera suspende na naturesa e que faz brotar as fontes, nascer os lirios e chorar lagrimas de orvalho ás estaticas assucenas. Pelo zimborio azul do ceu, revoadas de azas palpitantes redemoinham em bailados nupciaes, fluidisando alados serafins, em brandissimos adejos de petalas de arminho. Nas amendoeiras floridas um melro desfolha o seu cantar magoado e lento, como a agua chorando nas fontes musicaes. Uma harmonia fluctua na paisagem numa comunhão absoluta de luz e das aguas das flores e das aves, numa religiosidade triunfal que é como o hino frenetico de Amor, cantado pela exuberancia da vida.

Por uma verêda atapetada de assucenas e lirios, sombreada por altas sebes de rosas, onde as borboletas pousam e as pombas arrulham, caminha fransino cavaleiro, de fino perfil nervoso, montado num corcel de neve, leve como o vento. Vae sorridente e sonhador o cavaleiro; leva na mão o capacete de brancas plumas, seus finos cabelos ondeando ainda orvalhados, como as frescas boninas. Leva espada de fina prata telintando, e suas alvas armas, morrem no escudo em campo azul e neve. No peito leva a sangrar o sinal da cruz nos olhos a inocencia desabrochando a mocidade, e pelas rosas da face, uma tristeza anoitecendo translucida. Traz gorjal, arnês, guantes e elmo de ferro, cavalga com garbo o corcel de neve e traz cingido ao coração, como uma esperança, galardete argenteo e flordelisado.

Pela cupula luminosa do ceu flocos alvissimos de asas, que a brisa desfolha em miriades de petalas, ondeiam em vaporosas nuvens, penugens de arminhos numa aleluia quimerica.

E o franzino cavaleiro vai atento a um vago ruido que surgiu do Espaço que vem da maciesa das asas brancas e vai aflorando, subindo e é, não tarda, magica sinfonia de violino, chorada pelas arcadas invisiveis dos anjos, ou pela revoada dessas asas brancas que se desfolham pelo ceu. O som aumenta como um preludio de sonata — E as asas vibrantes palpitam, redemoinham um segundo e fundem-se em incorporea aparição lusente. que enche o ceu, e é mistico murmurio, doce sinfonia, orchestração sobrenatural, latejando no ar, esse deslumbramento, em espasmos de som e luz.

E o debil cavaleiro-andante vai entre sonhos escutando aquele harmonioso murmurio, fitando aquela luz imponderavel, que irradiou a chimera das asas, que se volatelisou das arcadas soluçantes, com que os anjos planjem a musica dos sonhos.

E brando, mais brando que o cair duma pena imaterial como a agonia lenta dum sonho, chorou uma voz maguada e tremula como o ciciar duma prece. Voz que primeiro foi murmurio, depois se elevou a Avé-Maria gemente e que acabou enchendo o azul-safira, em viterioso andante de sonata, enleando prendando, arrastando-nos num arroubo extasiante, encerrando tudo no carcere luminoso da sua magia sugestiva. E a essa mistica e maguada voz perguntou o moço cavaleiro:

— «Quem és, bruma musical e vaporosa, quem és tu, que ainda maior que a Dôr e que Morte?»

— «Eu sou o Amôr» soluçou a poderosa e deslumbrante vaga de luz e de harmonia, e uma rajada potente acendeu ainda mais luz no seio daquela aparição suspensa entre o Ceu e as coisas.

E o cavaleiro andante estacou o corcel, apeiou-se e três veses ajoelhou, sob uma brandissima chuva prateada; de luz, de flores e de penas alvissimas das asas dos serafins, que juncavam o chão em flocos de neve, e de sonho.

E levantando-se, caminhou pelas floridas aleas murmurando:

«Amor deslumbramento de Luz, espasmo musical das mais reconditas fibras d'alma, anciedade enervante, talves tu sejas o meu ignorado Norte. Fluido de amor, estrangulando a voz, sensibilizando as almas, e fecundando na maré alta da vida, sob o calor d'um beijo, quem sabe se eras tu que eu ha tanto buscava! Disse-me uma sombra, que foi do Beijo eterno e musical, cheio de Belesa e fresco de sangue, que a Dor eleva na face infinita da Morte, que nasceu o Amor? Diz-me, serás filho da Morte e Irmão do Amor?»

«Eu por mim, disse musicalmente a aparição, não sei quem sou, de todos os labios me murmuram e resando-me chamam-me: Quimera, Ilusão Sonho! Talves que venha de Deus.

Se sou o Amor, como julgo, fui o Espirito em Jesus, fui Belesa e tambem Bondade, e andei murmurante nos labios dos iluminados; em Cristo, no Ideal dos Artistas; na Belesa, e no coração dos justos; no Bem — Não sei o nome que dão ao Amôr, mas sei que o verdadeiro passa por cima do Homem e crusando a Morte, aproxima-se de Deus, para repousar no seu seio infinito, livre da Matéria e da Dôr.»

«Então, murmurou o cavaleiro, nunca poderei atingir-te, Quimera, Ilusão, Sonho, Amor ou Sombra de Deus? Será inutil todo o esforço? Nunca verei florida de estrelas d'ouro de Murillo, a arvore ridente e embriagante da Paixão? Então a minha alma será frio cadaver, e meus olhos dois mortos, vivendo a morte? E essa, a fiel primavera, que estará no fundo d'um palacio encantado, esperando que eu Cavaleiro andante volte da guerra para fazermos as bodas nupciais. Essa que eu amo já tanto na Distancia, sem saber quem é, nunca a alcançarei?»

«Sim, respondeu aquela musica de voz, num milagre de sedução, sim encontrá-la-has no Amôr. E em Deus que tu amas sobre todas as coisas, porque Ele é o pólo centralisador de todas as correntes animicas, e «lá», estás tu, e «lá» estará a tua amada, na vastidão infinita do seu seio, a esgotarem a fonte do seu Amor. O Amor é Deus disparsando-se na humildade de tudo, expressão suprema da labareda devoradora que incendeia as almas, e que explue na Natureza, numa onda dominante, que a Dôr e que a Morte, mascaradas de Riso e de Vida, andam sempre a combater. Deus disperso em tudo, nas creaturas e nas coisas é — Amor — tanto na alma que anceia ou na asa que freme, como na Roza que desabrocha, ou no Sol que se ascende. Ele é sempre Amor».

«Mas donde vem o Amor e para onde vae. — preguntou o cavaleiro — que viagem é essa que o Amor realisa?»

«Eu venho de Deus e vou para Deus, disse a voz. A Dôr vae até á Morte, a Morte vae até ao Amor, mas só o Amor passa pela Morte e vae até Deus, sereno e confiado. A Morte não o atemorisa».

«Sim, atemorisa, ripostou o moço cavaleiro. O Amor saiu do sofrimento, como disse, e ainda se recorda da sua via-dolorosa e agora que mal pressente a Morte, já a sonha e já a sofre; já a divinisa e já faz d'Ela a sua sombra. Sombra da Morte que medeias entre Deus e o Amor».

Manhã alta.

Manhã alta e translucida! O sol turibulo de fogo, vae escorrendo luz — divino incenso — pelas coisas, emquanto as cigarras cantam a alegria sagrada da calma, e as abelhas zoiavam, empoadas de ouro, e á flôr dos pégos se ergue o canto fluctuante e estridulo das rãs — garras d'aço raspando a cal da parede. Por aquele jardim de eterna primavera, em que a Natureza é branca comungante, e nos corações vegetaes a seiva é alegria, transbordando, ha riosinhos escondidos, no eloendro e lentiscos — que maravilhas — são finas fitas de prata, ondeando no fio dos córgos, debruados pelos seculares robles e magros choupos e faias, que velhinhas ali se finam de saudade, mirando no espelho das aguas, as ruinas do que foram.

As flores chovem em doces bátegas, e o perfume das flores envenena, cega a fulgurancia rutilante daquelas ametistas, daquelas safiras, daquelas perolas de flores, que Deus — magico joalheiro — derramou em geada, em nuvens, em espuma de astros. E na boca das fontes agonisam as magues dos mudos mineraes; baladas de rochedos, pesadelos de montanhas, saudades que o granito tem do tempo em que era lava.

Ia alta a manhã, alta e translucida!

E o sonhador cavaleiro estava embriagado daquela alegria delirante, esquecido dos pesadelos da Dôr e da Morte, naquela alvorada, acordando o coração, para novas esperanças. E o murmurio daquela voz elegiaca, que o Vento erguia de mãos postas, e que ia pousar-lhe, como rosas, na concha do ouvido, adormecia-o como um voluptuoso fumo de narcotico. Mas o murmurio continuava sempre, abandonando ao Vento verdades eternas, que se deliam como fumo, na copa das arvores. E o cavaleiro assentado na frescura da fonte, meditava pensativo: que o absoluto Amor está em Deus. Que Deus e Natureza são Amor, — que a Natureza é a materialisação do Amor feita por Deus, e sorria. Mas a voz continuava sempre, insistindo, musical e harmoniosa, trazida á pressa pelo Vento no seu corcel. E o cavaleiro punha-se a escuta-la. E a voz preludiava que: Deus é a suprema sintese de tudo; ideal absoluto, perfeição absoluta e verdade absoluta, cantada pelo espirito dos estetas, murmurada pela alma dos artistes e chorada pela voz expressiva e ritmica do Bem. E que a Beleza é tambem, de certo modo, uma das formas do Amor. E o cavaleiro meditava que o Amor é um sentimento moralisador, e feição tão completa da divindade de Deus, que se tornou em religião de verdade, «E, dizia ele, encarando aquele encantamento de luz e de sonho, que ia baixando do ceu para as coisas: — Jesus foi a voz mais alta que, resando a Dôr, resou o Amor, e tão altisonante que, pela Dôr, fez do Amor uma religião de absoluto equilibrio, essencialmente divina, que transforma o mau no justo, o relativo no absoluto e o finito no infinito. Será, pois, eterna.»

E o encantamento ia descendo do ceu para as coisas, e aquela vaga de cabecitas loiras tombava vagarosa, numa ondulação de seara. E o ritmo magistral daquela *Queda* cantava o triunfo do Amor, sobre o sofrimento e sobre a Morte. Magico cantar, que soluçava na alma da pedra e do Homem, que comovia de assombro, o coração amortalhado dos vegetaes, e que dardejava luz, nos atomos errantes do Espaço.

E mil vozes clangoravam a um tempo, orquestra sinfonica de mil sons, num côro colossal:

«A religião amorosa de Jesus será eternal Nós sabemos que a Morte não arrebatará a felicidade relativa da vida terrena, antes a lançará pela propria Morte, não numa felicidade relativa, mas numa certeza absoluta que será Deus.»

E o magro cavaleiro andante, ergueu-se da pedra alucinado, lançou no fundo da fonte o escudo e o gladio de combate, e quasi desmaiando foi em busca do seu corcel de sonho e de espuma.

Agora o moço guerreiro, cavalga pelas estradas do ceu, em triunfo, aureolado de luz, numa apoteose sinfonica, de revoadas de asas latejantes, deslumbramentos feericos, poeira luminosa e musical, apagando-se no Espaço como um sonho. E aquela nuvem foge pelo ceu, evola-se como uma esperança louca, cavalgata de asas, batendo para o firmamento, arrebatada num carro de luz, como a alma dum just .

E sumiu-se na claridade, sumiu-se no azul, sumiu-se no Nada, talvez no seio de Deus.

Svero Portela Junior.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Jornal dum poeta

Longe, longe, bem longe... A alma humana é feita de distancias, de evocações, de saudades.

Longe, bem longe, sob o sol dum meio dia ardente, queimando tojos, queimando fragas, queimando gados, queimando vozes e ecos, colinas, arvores e pastores, eu vejo estender-se a Serra da Nave como uma cobra—como uma cobra em descanço eterno. Não passa vivalma pelos seus corregos estreitos—nem um chiar de carro de bois angustiosamente indefinido, nem um chocalho de ovelha, nem uma samarra parda e esburacada de zagal. A Nave é só a Nave—fraga, mais fraga, mais fraga ainda, e uma vegetação rasteira, sem seiva para subir ao ceu, sem outro sonho do que ser pisada pelos lobos. A Nave!

Mas á tarde, quando o calor emigra, e a primeira cantiga desafogada se ouve á beirinha das fontes, á tarde, quando corre aragem fresca, tão fresca e consoladora que vem mesmo direitinha de Deus, a Nave humaniza a sua expressão de rustica grandeza empedernida e granitica—e já passam pelos seus altos cerros solitarios as almas que andam perdidas pela terra...

Oh Nave, eu desejaria queimar em ti os meus pecados, quando o sol te possue abrasadoramente; reanimar em ti as minhas esperanças, quando, á tardinha, o vento da Saméla, numa caricia branda, faz acreditar ás almas e ás coisas numa existencia melhor!

ALVES MARTINS

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

DE LUTO

D. Maria da Conceição Monteiro Cabral Pinto

Realizou-se hontem o funeral da sr.ª D. Maria da Conceição Monteiro Cabral Pinto, tendo o acompanhamento funebre saido da Avenida da Republica (Algés), para o cemiterio dos Prazeres ficando o corpo da extinta depositado em jazigo de familia.

O passamento da sr.ª D. Maria Cabral Pinto foi profundamente sentido por todos aqueles que de perto privavam com ela. Alma de raras qualidades de abnegação, de bondade e de sacrificio, coração emantissimo, cheio de natural encanto e piedade por todos quantos dela se aproximavam, D, Maria Cabal Pinto, que de perto privou com o altissimo poeta Gomes Leal de quem era prima, tendo ele muitas vezes nas suas dolorosas crises espirituais, apelado para a bondade da ilustre senhora. O enterro de D. Maria Cabral Pinto, senhora de virtuosas e excelsas qualidades, vivendo quasi monacalmente no meio da sua familia e para o amor de seu marido o sr. Artur Cabral Pinto, foi imensamente concorrido, tendo-se incorporado no acompanhamento funebre toda a familia da extinta e muitas pobres de Algés que nela perderam uma amiga caridosa.

D. Mauricia de Figueiredo

Sufragando a alma da distinta romancista sr.ª D. Mauricia C. de Figueiredo, raro exemplo de bondade e abnegação feminina, resou-se no sabado na igreja de S. Domingos uma missa dita pelo rev. dr. Balmaceda.

Ao piedoso acto, muito concorrido, especialmente por senhoras, assistiram as sr.as D. Josefa Rubio, D. Mariana do Carmo Ribeiro Nunes de Carvalho, D. Belmira do Carmo Ribeiro Ferreira, D. Maria José e D. Maria Joana de Jesus, D. Maria Teresa da Silva, D. Mariana Chaves, D. Teresa de Jesus Prior, e os srs. dr. Duarte Leso, Joaquim Mendes Nentel, director de Finanças, Guilherme Nunes de Carvalho, João da Mata, Armando Ribeiro, etc.

O *Diario de Lisboa* fez-se representar por um dos seus redactores.

UMA CATASTROFE

Morreu hoje

a pobre louca

que na noite de sabado para domingo provocou o incendio

no antigo convento de Chelas

E' impressionante o aspecto do antigo convento de Chelas, onde ante-ontem se desenvolveu um violento incendio que destruiu toda a ala sul do edificio, que servia de abrigo a algumas dezenas de familias de extintos oficiais do exercito.

O antigo convento de Chelas é um longo edificio, de três andares, com lojas e sobrelojas, cujas trazeiras deitam para o cemiterio do Alto do S. João. Ao meio, interceptando-o, ha outro corpo, que forma com as duas alas, uma especie de cruz. No meio dele, mesmo em frente ao largo, estava instalado o arquivo do Ministerio da Guerra. Parte dele foi destruido pelo fogo.

As chamas que se propagaram rapidamente, não chegaram a destruir todo o arqnivo graças á prestreza dos bombeiros, que conseguiram isolá-lo. O fogo, desenvolveu-se com grande violencia na ala do sul, propagou-se aos ultimos andares da parte central do edificio, poupando assim as lojas e algumas sobrelojas, onde se guardava a papelada do Ministerio da Guerra. A fabrica da polvora não sofreu nada, não só por o vento ter amainado no instante em que as chamas já lambiam as paredes daquele estabelecimento do Estado, mas tambem em virtude de estar separado do convento, onde se recolhiam as familias dos oficiais por um largo claustro da fabrica antiga, todo revestido de marmores e de azulejos.

A's 13,30, quando fomos ao antigo convento de Chelas, os bombeiros procediam ao rescaldo do incendio.

Subimos por uma escada «magirus», e entre as quatro paredes mestras do edificio, tivemos ocasião de observar os estragos do incendio. Como se sabe todo o telhado abateu Das janelas enegrecidas de fumo, ficaram apenas os poiais, onde, por milagre, se encontram ainda, vazos com plantas, objectos de uso intimo, e pequenos lavatorios, de ferros torcidos. O tijolo, a argamassa, traves carbonizadas, donde se escapam fumos alvacentos, tudo estava sendo removido pelos bombeiros. Ainda não foi encontrado nenhum cadaver. Um bombeiro com quem estivemos conversando, garantiu-nos que nenhuma pessoa ficou nos escombros. Tanto os vizinhos, como as pobres senhoras que estavam no recolhimento não deram por falta de ninguem. As duas senhoras que um jornal da manhã, supõe, terem parecido no incendio, estão em casas particulares.

Houve quem se aproveitasse da terrivel catastrofe para roubar, os haveres atirados para a rua pelas infelizes acolh das. A um enfermeiro que vive numa cela, perto do claustro, que fica entre a fabrica de Chelas e a parte incendiada, roubaram-lhe muitas roupas e objectos miudos.

A linda capela de Chelas, que tem um portico muito bonito, de pedra lavrada, estilo renascença, nada sofreu.

No antigo convento, ala central, poupada vivem de graça varias viuvas recolhidas e muito pessoal da fabrica da Polvora, correndo essa parte do edificio riscos de se incendiar rapidamente, se por acaso, se der igual descuido, ao que ante-ontem reduziu a cinzas a ala sul.

Percorremos demoradamente essa parte, notando a dificiencia dos vigamentos, todos secos e carunchosos:

Os degraus das escadas estão completamente apodrecidos. Oo soalhos deteriorados, vendo-se por eles dum andar para o outro, as cazas e as escadas. A caliça caiu, tendo descarnado as paredes. Um bombeiro, com quem percorremos inumeraveis corredores, disse-nos que já não era a primeira vez que por ali andava, porque queria saber as saídas do convento, caso se desse um incendio.

O que ardeu do recheio do arquivo do ministerio da guerra pouca importancia tem. São guias marcha e requerimentos. Os bombeiros lutaram com muita falta de agua. Fizeram com uma lona apropriada um reservatorio artificial de agua na calçada, e recorreram aos pequenos poços da vizinhança.

O incendio impressionou profundamente a popolução de Chelas, tendo muita gente oferecido as suas casas para recolher as viuvas dos oficiais.

Os populares trabalharam com o pessoal do incendio afanozamente, registando se actos de verdadeiro hiroismo. Na ala sul, as lojas e sobrejojas ficaram intactas, mas os seus moradores abandonaram-nas, porque receiam que, com o pezo dos escombros, o vigamento abata.

* * *

Faleceu esta manhã, no hospital de S. José, Felizarda Emilia Tavares Barata, de 70 anos de idade, natural de Loanda, a tresloucada que ocasionou o incendio do convento de Chelas.

O ESPOLIO

DUM SOLDADO PORTUGUÊS

Pelo Quartel General da Provincia de Macau foi enviado ao Ministerio das Colonias, o espolio de João Iberico dos Santos, que foi soldado da companhia europeia da guarnição daquela provincia.

Esse espolio consta da quantia de 6.113$07 e mais quatro cheques emitidos na filial do Banco Nacional Ultramarino, em Macau; a saber: cheque n.º 19.433, da quantia de 107$00; cheque n.º 19.608, da quantia de 120$00; cheque n.º 21:690, da quantia de 270$00; cheque n.º 24.080, da quantia de 153$50.

O referido soldado era filho de Carolina da Conceição, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira desta cidade, á qual se dá conhecimento por este meio, na impossibilidade de a avisar pessoalmente, de que tal espolio deu entrada na Caixa Geral de Depositos, com guia n.º 542 de 6 do corrente.

O SUICIDIO

DUMA SENHORA ALEMÃ

Encontra-se no 2.º oficio do 2.º juizo do Tribunal da Boa-Hora, aguardando o relatorio da Morgue, o processo relativo ao suicidio de D. Isolda Meyer Stradfort, aquela senhora alemã que ha tempos se precipitou duma janela do Hotel Francfort, do Rossio.

Junto ao processo, acha-se uma porção de cocaina que estava no quarto da suicida.

POLITEAMA
HOJE
ALMA FORTE

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

A JUSTIÇA

Um caso CURIOSO

UM JUIZ

que só ouve a policia e não dá credito ao acusado

O artigo que publicámos, sobre a acção do Tribunal dos pequenos delictos que funciona no Governo Civil, tem provocado numerosas cartas em que se narram casos bastante curiosos. Dentre elas, destacamos uma, por se referir a um facto passado com um advogado de Lisboa. Diz essa carta:

—«Quero ajudá-los na benemerita missão de esclarecer os seus leitores ácerca da leviandade com que nesse Tribunal são tratados os casos submetidos á sua apreciação, ainda quando eles são tão melindrosos que afectam a reputação de quem tem a má sorte de lá cair.

E pormenoriza:

—Ha dias um individuo de elevada posição social e cuja integridade moral é afirmada por todos quantos o conhecem—vitima duma tentativa de «chantage» por parte de dois guardas que, em plena rua, lhe deram voz de prisão, sob o falso pretexto de o terem visto praticar um acto vexatorio para a sua dignidade (evidentemente para que, atemorisando-o com a ameaça de prisão, ele caisse com uns escudos)—foi, por isso, sujeito a julgamento nesse Tribunal. Nem ao menos lhe deram previo conhecimento que o habilitasse a defender-se.

E o que se passou no julgamento? O nosso leitor cujo nome não vem para o caso, embora o saibamos, narra a scena:

—Ali, uma vez em presença do julgador, lido por este o auto de captura e feita a pregunta do estilo: «E' verdade isto?», mal teve tempo o acusado de afirmar que se tratava duma infamia sem nome, sem conseguir expôr o que se havia passado. Em compensação, porém, chamados a depôr os dois guardas captores, um dos quais figurava como testemunha, puderam estes produzir as declarações que quizeram e que, naturalmente, eram a repetição do que constava do auto de captura, declarações essas que constituiam precisamente o objecto duma queixa feita pelo acusado, contra aqueles guardas, já então entregue a quem de direito.

Como pensa o leitor que o julgador resolveu o caso, tendo dum lado as declarações dos captores, sempre suspeitas—e neste caso excepcionalmente duvidosas, por constituirem materia duma queixa—e do outro as declarações do acusado, pessoa de elevada categoria social e que se prontificava a levar ali todos os que o conhecem a atestar a sua integridade moral?

—Sem respeito algum pelo bom nome e pela posição do acusado, como tambem pelos mais elementares preceitos da justiça e da moral e até pelas suas proprias funcções, fez boas as afirmações dos civicos e, num abrir e fechar de olhos, condenou o acusado a pagar duzentos e tantos escudos!...

Os comentarios que os façam os leitores.

CAMBIOS

Dia 20

	Comprador	Vendedor
S/Londres, cheque	—	2 1/4
» 90 dias	—	—
S/Paris	—	1$300
S/Berlim	—	0,01
S/Holanda	—	9$195
S/Madrid	—	3$175
S/Bruxelas	—	1$040
S/Roma	—	1$005
S/Suiça	—	4$235
S/Suecia	—	—
S/Noruega	—	—
S/Dinamarca	—	—
S/Nova-York	—	23$400
S/Brasil	—	2$365
Rio S/Londres	—	5 5/16
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A' POLICIA!

Agressão BRUTAL

A FEIRA

do Parque Eduardo VII está á mercê dos desordeiros

O nosso camarada de redacção Aprigio Mafra foi ontem vitima de uma agressão que demanda, pelas circunstancias em que se deu, uma referencia especial, que mais não seja para se ver a que ponto chega a inutilidade da policia, em Lisboa, e, constatando-o, não possa o sr. governador civil desculpar com a ignorancia dos factos a falta de providencias.

Aprigio Mafra tem tratado ultimamente no *Diario de Lisboa* um caso de reportagem jornalistica, que interessou a opinião publica pelo tom de misterio que o envolve, e que determinou numerosas pessoas a procura-lo, crentes, umas, na possibilidade dos fenomenos espiritas, descrentes, outras, e imprudentemente mal educadas algumas, vendo-se forçado o jornalista, a fazer sentir a estas ulti mas a incorrecção do seu proceder.

Na madrugada de ontem, quando regressava a casa, pelas três horas, encontrou pregado na porta da sua residencia, dentro dum envelope, um bilhete que guarda ainda em seu poder e que dizia assim: *Sr. Mafra. alguem que deseja o seu bem sabe de um perigo que vai acontecer e pede-lhe que não saia de casa.*

Tomou o aviso como brincadeira, embora de mau gosto, e nem sequer se preocupou com ele, tanto mais, que nunca foi nem é de crendices idiotas. A' noite, saiu; e, tendo-se encontrado na baixa com um amigo—o sr. Antonio Nobre da Silva, que se fazia acompanhar por sua esposa e por uma outra senhora das suas relações—dirigiram-se todos para a feira do Parque Eduardo VII, onde decidiram ceiar.

A breve trecho, um grupo de individuos dava em intrometer-se com as senhoras, por cima do tabique do compartimento onde estava sendo servida a ceia. A principio, tomou-se o caso como simples bebedeira dos intrometidos; mas a grosseria foi tomando aspectos de insulto, a tal ponto chegando que o sr. Antonio Nobre e o nosso colega Belo Redondo, do *Seculo* que entretanto aparecera, sahiram da barraca em busca de um policia que metesse a quadrilha na ordem. Aprigio Mafra ficou fazendo companhia ás senhoras; e, nessa altura, os patiforios levaram a canalhice ao ponto de proferírem, dirigindo-se a elas, as peiores obscenidades. O nosso camarada, em face de tamanha infamia, saltou o tabique da barraca, e, apanhando a geito um dos insultadores, aplicou-lhe o correctivo que merecia.

Surgiu, então, o grupo todo dos bandidos — que outro nome não tem quem assim procede —; Antonio Nobre e Belo Redondo, vindos em auxilio do companheiro — sósinhos porque nem um policia tinham conseguido encontrar — aplicaram nos que lhes vieram á mão alguns socos oportunos; e, tendo-se generalisado o conflicto, dentro de minutos o nosso camarada era prostado com uma violentissima pedrada no rosto e uma facada na perna esquerda, o mesmo acontecendo ao sr. Antonio Nobre cujo ferimento, no sobr'olho esquerdo, teve de ser cosido com quatro pontos naturais, no Hospital de Santa Marta.

No fim da refrega, Aprigio Mafra e Belo Redondo constataram que os salteadores lhes tinham roubado as carteiras.

* * *

Ora tudo isto se passou na Feira do proprio sr. governador civil, onde está instalada uma esquadra de policia, e onde, não obstante, a vadiagem actua assim, inteiramente á vontade, roubando, insultando, esfaqueando e matando, se tanto lhe aprouver, os cidadãos pacificos que um dia tiveram a triste ingenuidade de ingressar naquele «Pinhal da Azambuja» inventado pelo chefe do distrito para distracção dos habitantes e para proveito—diz-se—de certas instituições de beneficencia.

POLITICA PASSADA

Os remendos

que tem sofrido o governo Antonio Maria da Silva

Faz hoje um ano

que teve o primeiro rombo...

Sabem a historia da bengala. Aquela bengala que certo homenzinho possuia ha largos anos, de estimação, «sempre a mesma», mas que todos os meses, pelos trambulhões sofridos, levava castão ou ponteira nova, ou o proprio pau de ebano ou malaca substituido conforme calhava

E' um pouco assim o actual Ministerio, da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, que está no governo ha 603 dias, dezoito meses e meio, pois começou em 6 de Fevereiro de 1922. Sucede apenas que do governo inicial a quasi totalidade dos seus ministros desapareceu. Onde os srs. Portugal Durão, Vasco Borges, Catanho de Menezes, Ernesto Navarro, Augusto Nobre, Barbosa de Magalhães, Vitor Hugo de Azevedo Coutinho e Lima Bastos, que foram os companheiros do primeiro ciclo desta governação?

Do governo de ha dezoito meses e meio restam apenas o sr. Antonio Maria da Silva—o castão—, e o sr. Rodrigues Gaspar—a ponteira.

E as transformações, os equilibrios, os remendos por que tem passado e tem sofrido este gabinete!

Não se suponha que escrevemos estas linhas num intuito desprimoroso ou depreciativo para o ilustre chefe politico que é a cabeça desta situação politica, de uma continuidade que bate o «record» em tempos de Republica, mas cuja estabilidade governativa e continuidade de execução não resistem á mais pequena analise. Em vigor—não tem havido continuidade alguma governativa. A unica continuidade que tem sido a do partido democratico no governo.

A recordação das transformações, mais ou menos habilidosas, não atinge ou belisca em coisa alguma a reputação politica do sr. Antonio Maria da Silva antes a consolida, sendo apenas lastima que dos seus seiscentos dias de presidencia o paiz não tenha lucrado tudo quanto seria necessario, embora alguma coisa se tenha feito—ai de nós!—e desfeito.

Mas não deixa de ser curioso fazer o estendal dos «remendos por que tem beneficiado o actual «gabinete Silva».

Em 6 de Fevereiro de 1922, com os nomes que citamos acima, começou singrando em plena bonança o esperançoso governo, mas a breve trecho o sr. Ministro das Finanças—por causa de não respeitarem no Parlamento os seus conselhos e propostas de economia e de creação de receita—demitiu-se. Foi a 20 de Agosto de 1922. Faz hoje um ano.

Nomeado para o substituir o sr. Lima Basto, que já era da pasta do Comercio Em 14 de Setembro entra para o gabinete, para as Finanças, o sr. Vitorino Guimarães, a fazer uma habil e rasgada politica financeira.

A 18 de Outubro nova complicação: o sr. Lima Basto quere deixar o Comercio, aborrecido com insinuações sobre Transportes Maritimos. Ameaça levar minis tros com ele. Mas não. Sai sosinho, passando o sr. Vasco Borges a acumular Trabalho com Comercio.

Aqui principia um temporal desfeito: o sr. Correia Barreto mete agua pela Guerra, o mesmo sucedendo ao sr. Barbosa de Magalhães nos Estrangeiros—a viagem presidencial!—e ao sr. Nobre na Instrução. O sr. Ernesto Navarro na Agricultura—não quere mais governar, está «até qui», que não, que não quere.

Mais pedido menos pedido, mais ponderação menos ponderação, o sr. Antonio Maria da Silva equilibra a nau uns dias, mas por fim—dá-se um grande rombo.

Saem os srs. Nobre, Navarro, Barbosa Magalhães e Correia Barreto. Entra para a Guerra o general Vieira da Rocha, que—três dias depois—é logo substituido. E sai tambem do governo o sr. Catanho de Menezes, que nem o demo o sustenta.

Entram para o gabinete, de novo, o sr. Brederode, para o Comercio, o sr. Leonardo Coimbra, para a Instrução, o sr. Domingos Pereira, para os Estrangeiros, o sr. Freiria para a Guerra, o sr. Ferrão para a Justiça. As pastas da Agricultura e do Trabalho ficam com elas dois ministros. O sr. Silva aceita mesmo gerir a Agricultura, contanto que o governo marche.

E marcha. Mas um mês depois o sr. Brederode não quere mais. Vai-se embora do Comercio. E novos remendos. Entram para o Ministerio o sr. Vaz Guedes e Rocha Saraiva, este para preencher o Trabalho.

Mas o paritdo democratico é que não tolerou o sr. Leonardo Coimbra a prégar tolerancia. Tolerancia—não, num partido da esquerda. E cai o sr. Coimbra e entra o sr. João Camoezas.

E assim segue o governo, vencendo revoluções, boatos, ataques parlamentares, divergencias, vencendo tudo menos os problemas de administração economica e financeira até... ate que o general Freiria, 21 de Julho, se atira do governo a terra por causa da questão com o sr. Antonio Maia. Não ha outro nome para a Guerra? Deixá-lo. O sr. Silva passa tambem para a Guerra. Cansado ou não o governo hade prosseguir. O Parlamento hade fazer-lhe as vontades todas.

Estamos a 13 de Agosto. O sr. ministro das Finanças, quasi pelas mesmas razões que o fizeram substituir o sr. Portugal Durão—faz hoje um ano—lança-se na demissão. «Que não! que assim não é possivel». E logo apareceu o sr. Velhinho Correia, deputado estudioso, dedicado a assuntos economicos e financeiros, e politico muito acessivel ao sacrificio, que se prestou a subir ás Finanças.

Agora cai o sr. ministro da Marinha, que vai para Moçambique.

Nova dificuldade? Não. Passa o sr. Fontoura, que está farto de dar «botas» na Agricultura para a pasta do sr. Azevedo Coutinho, e de caminho mete-se no governo um elemento novo, o sr. Joaquim Ribeiro, que é novo, tecnico e sobretudo audacioso.

... o governo—apesar do sr. Velhinho Correia ir fazer exame para major—marcha, e marcha bem, graças ao ceu, com uma nomeação por 48 horas (a do sr. Ferrão para as Finanças), e com todos os aspectos consoladores de uma saude de ferro.

Dizem que está extenuadissimo, que é um gabinete politico e não um gabinete de administração. Isso—é má lingua.

Dentro de mês e meio Portugal entra numa nova fase, sob a presidencia Teixeira Gomes—mas o sr. Antonio Maria da Silva continuará.

21 ministros em 600 dias. E para cumulo de continuidade os problemas, mais ou menos, continuam todos para resolver.

Prevenções na armada

Foi determinado que no futuro o estabelecimento ou cessação do regimen de prevenção nos navios surtos no Tejo será indicado por sinais na cabria do Arsenal da Marinha.

Governador da India

Tenciona vir brevemente a Lisboa, para conferenciar com o sr. ministro das Colonias, sobre assuntos importantes, o governador geral da India.

ALCANTARA CARREIRA

Parte ámanhã para S. Paulo, Brasil, o sr. Alcantara Carreira, que acompanhou a viagem presidencial como representante da revista *A. B. C.*

Columbano Bordalo Pinheiro

O Conselho de Arte Nacional escolheu o vogal, sr. Columbano Bordalo Pinheiro para, como seu delegado, fazer parte da comissão de estetica da Camara Municipal de Lisboa.

Pelos teatros

Teatro da Trindade

Para as novas instalações electricas do teatro da Trindade, que hoje começaram a fazer-se, foi adquirido pela empreza José Loureiro um magnifico jogo de orgão egual aos dos primeiros teatros do mundo e que nenhuma casa de espectaculos possue. Com o referido aparelho, de proporções avantajadas, pode operar-se todo o movimento do palco, pois que se não limita a acender ou a apagar a luz, mas a subir e a descer os panos de boca e de ferro e a accionar todos os trabalhos de scena que, até agora, eram realisados por processos primitivos. Os trabalhos de remodelação do edificio do teatro prosseguem activamente.

«Cabeça de Turco»

A peça nova intitulada «Cabeça de Turco», que, depois de amanhã, em recita da moda, terá a sua «première» no Nacional, está assim distribuida:

«Querubim Azedo», Silvestre Alegrim; «Prudencio Ganso», Joaquim Costa; «Caetano Vinagre», Jorge Grave; «Carlos Torres», Luis Leitão; «O presidente da Liga», Botelho do Amaral; «Francisco», Antonio Rodrigues; «Maria Azedo», Irene Grave; «Ana Vinagre», Helena de Castro; «Paulina Manso», Izabel Berardi; «Tereza Castelo», Louzalira Neves; «Suzana Torres», Ema de Oliveira; «Rosalina», Sára Lima; «Rosa», Romana Cruz.

«Cabeça de Turco», que e uma adaptação de um original hespanhol, obteve o maior exito no pais visinho, onde tem tido numerosas «reprises».

«La Goya»

Acedendo a instancias que lhe foram feitas, em virtude do sucesso obtido entre nós, a distinta artista «La Goya» consentiu em tomar parte em mais uma semana de espectaculos no Teatro S. Luiz. Ao contrario do que se tem espalhado «La Goya» apenas trabalhará nesta casa de espectaculos regressando a Madrid logo que termine o seu novo contracto.

Os emprezarios Antonio de Macedo e Emilio Segurado ofereceram ontem á notavel «tonadilera» um almoço de homenagem no Café Tavares, a que assistiram tambem a gentil actriz Zulmira Miranda, Luiz Cardoso, Rosa Mateus, Rogerio Peres, Tomaz Lobato e o nosso camarada Sarmento Duque.

Atrás do reposteiro

Do consul geral de Portugal, em Barcelona, sr. Fernando Abecassis, recebemos a seguinte comunicação:

«Para os devidos efeitos e para que conste onde convier, em virtude de boatos espalhados que atingem a «troupe» Portugalia, declaro que a mesma «troupe» Portugalia tem obtido, artisticamente, resultados bem honrosos, embora lutando com a má temporada, impropria para espectaculos teatrais, tendo trabalhado continuamente desde que se encontra na Catalunha, sem qualquer interrupção tendo firmado bem o seu nome nesta região. —*Fernando Abecassis*, consul geral de Portugal em Barcelona.»

—O «compère» da revista «Fado corrido», no Maria Victoria, é agora desempenhado pelo actor Ghira, visto o actor Carlos Leal ter-se retirado precipitadamente para o Alemtejo.

—No Avenida começam hoje os ensaios, de dia e de noite, da «Revista de Praxedes», que deve subir á scena na proxima sexta-feira.

—Chegou a Lisboa, tendo terminado a sua «tournée» pela provincia, a companhia do actor Carlos de Oliveira.

—Está trabalhando em Leiria a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que no dia 28 se estreia no Sá da Bandeira, do Porto, com a peça «Azas quebradas».

—Os ilustres artistas Berta de Bivar e Alves da Cunha, por motivo de passar o aniversario do segundo, reuniram ontem, na sua casa da Avenida 5 de Outubro, num almoço intimo, alguns dos seus amigos mais queridos e artistas da sua companhia.

—Depois dos espectaculos da «tonadillera» La Goya, o S. Luiz encerrará as suas portas para proceder aos ultimos ensaios e á montagem da magica «O gato preto».

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho está sendo aguardada em outubro, em Ponta Delgada, onde iniciará a sua «tournée» ás ilhas, passando pela Terceira e terminando no Funchal a sua digressão artistica.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido» e «La Goya».
Politeama—A's 21—«Alma Forte».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gata».
Apolo—A's 21,15—«As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado—A's 21—Variedades.
Circo da Feira—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

ANIBAL NEVES, L.DA

Rua da Prata, 242|48

LISBOA

Telefone N. 3040 Teleg. VAPOR-LISBOA

Maquinas

Ferramentas

Materias primas

para todas as industrias

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

SAES «DERMOXA» suprimem todos os sofrimentos: *inchações, transpiração e calos.* — Vendem todas as farmacias e drogarias. — Depositario: M. Brandão, R. Eugenio dos Santos, 99

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

Largo do Poço Novo, 30

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

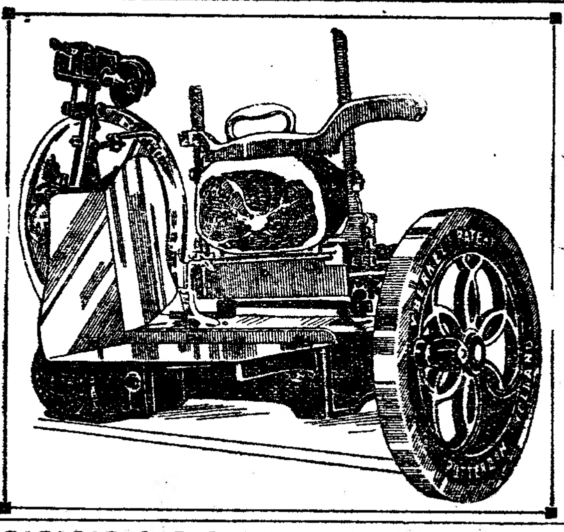
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

TEM PARA ENTREGA IMEDIATA:

J. Narciso, L.da R. dos Alamos, 7 Telef. 3121-N.



«BERKEL» MAQUINAS PARA CORTAR FIAMBRE

CIMENTO BELGA (Marca Aguia)

Drogas, tintas, alvaiades e productos quimicos

Importação directa

Salvador Barata, Limitada

RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105 — LISBOA

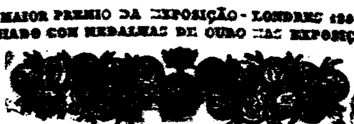
Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do Pais e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias.

Telefone C. 3033 End. Tel. SOURA

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:



S. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1898 — LONDRES 1896 — LISBOA 1898 — PARIS 1899 — MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1912, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 147-LISBOA

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio Material para desenhadores

— PREÇOS MODICOS —

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Vinho Colares

V.S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro

Pedidos a D. J. Silva L.tda

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.º 1711

Côte d'Azur

É O MELHOR VINHO ESPUMANTE

Unicos depositarios no Continente, Ilhas e Africa:

Mercantil Continental e Insular

R. dos Bacalhoeiros, 37, 41

Liquidações

Recebem-se artigos á consignação para liquidar, ou compram-se.

Garantias bancarias.

Rocio, 35

PEREIRA

ALFAIATE

Confecções para homens e senhoras

PREÇOS SEM COMPETENCIA

R. DA PRATA, 266, 1.º

DAS 5 PARTES DO MUNDO **ESTRANGEIRO** DAS 5 PARTES DO MUNDO

REPARAÇÕES

Poincaré

AFIRMA QUE

a união anglo-francesa

E' ABSOLUTAMENTE NECESSARIA

LONDRES, 20

O discurso pronunciado ontem pelo sr. Poincaré em Charleville é largamente comentado pela imprensa britanica nos seus editoriais de hoje.

Os desejos manifestados pelo primeiro ministro francês, para que continue a união anglo-francesa para uma acção comum em face da atitude da Alemanha, são compartilhados pela opinião publica britanica, mas os jornais londrinos dizem procurar em vão nos extractos do discurso do presidente do conselho de França qualquer indicação que indique estar disposto a fazer o minimo sacrificio para esse fim.

Relativamente ás suas referencias ao comercio britanico e á crise dos desempregados, a imprensa londrina não considera as suas palavras como uma apreciação da posição britanica no xadrez politico da Europa.

«The Times» nota que, para o comercio britanico com as suas largas ramificações e a sua peculiar sensibilidade para as condições gerais do equilibrio economico, as actuais condições tumultuarias da Europa são o mais pesado de todos os encargos; e as nossas queixas contra a ocupação do Ruhr, sob o ponto de vista comercial, baseiam-se no desejo de promover a expansão dos negocios e só os muitos encargos que pesam sobre o comercio britanico e os riscos que corre a sua expansão levaram o governo inglês a protestar energicamente contra a ocupação do Ruhr.—(E.)

Um bando

que planeava actos de «sabotage»?

BRUXELAS, 20

O inquerito feito ácêrca do atentado contra o comboio em que se retiravam os soldados licenciados belgas, no dia 10 de julho proximo passado, deu como resultado a descoberta de uma associação que se entregava a actos de «sabotage» e que tinha os seus quarteis generais em Aix la Chapelle.

O chefe do bando diz-se ser um ex-oficial alemão, o seu imediato no comando chama-se Arthur Menzel, encarregado duma fabrica, que, com 20 dos seus cumplices, acaba de ser preso, tendo-lhes sido apreendidas grandes quantidades de bombas, revólveres e explosivos.—(R.)

A PROPAGANDA COMERCIAL

A QUINZENA francesa

UMA CONFERENCIA do consul de Portugal no Havre

Le Journal du Havre — importante diario do grande porto de França — publica num dos seus ultimos numeros, um curioso e extenso artigo sobre a *Quinzaine Française*, organisada, ha tempos, em Lisboa pelo sr. Pedro Cid.

Referindo-se ao organisador — que é o representante do nosso país, no Havre — diz *Le Journal*:

«Os sentimentos que M. Pedro Cid dedica á França, dão-lhe direito ao titulo de *Havrais*, ao titulo de *Normando* e ao titulo de *Francês*.

«Pedro Cid sentiu a irresistivel necessidade de proclamar esses sentimentos, aos seus compatriotas de Portugal—de Portugal donde estivera ausente oito anos.»

* * *

Le Journal du Havre entrevistou Mr. Cid. Registaremos algumas palavras do ilustre entrevistado:

«Quando decidi passar um mês no meu país, pensei que seria de maior utilidade, dar a conhecer aos meus concidadãos o progresso admiravel do comercio, da industria e da navegação dos portos compreendidos no meu distrito consular; oferecer á Biblioteca de Lisboa as obras dos poetas que nasceram no pomar de amor que é a Normandia; e revelar aos amadores da boa musica, a obra magnifica de Henri Woollett.»

Pedro Cid

Depois de descrever o seu desembarque e a forte comoção sentida, revendo a terra patria após tantos anos de ausencia, M. Pedro Cid alarga-se sobre o que foi a *Quinzaine Française*, tratando de espaço da conferencia sobre o *Lied Français Moderne*, feita no Conservatorio de Lisboa a 12 de Junho; da festa dos Poetas Normandos; e da conferencia sobre os portos franceses, feita na Sociedade de Geografia em 23 de Junho.

O nosso consul no Havre termina as suas impressões, como segue:

«Sempre, os jornais prestaram homenagem ao esforço admiravel da França, para se desenvolver mais e mais.

«Eis o que eu fiz no meu país, pelo belo país da França: minha segunda patria.»

Termina o artigo com os agradecimentos que M. Cid apresenta a Mlle. Savigny, Viana da Mota, Freitas Branco, Julio Cardona, Jaime Cortesão, Reinaldo dos Santos e ainda á direcção da Sociedade de Geografia e a imprensa portuguesa, pelo precioso concurso que houveram por bem prestar á realização da *Quinzaine Française*, em Lisboa.

DE LONDRES

Portugal

APRECIADO

pelo jornal "The Times"

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

LONDRES, 20

O «Times» publica um longo artigo apreciando favoravelmente a situação de Portugal. Refere-se com louvor á estabilidade governamental que póde permitir uma politica de realizações, referindo-se tambem com elogio á eleição para Presidente da Republica, do sr. Teixeira Gomes que se encontra ha 12 anos na Inglaterra completamente afastado da politica partidaria e das suas paixões. Não sendo politico o presidente eleito, póde, cheio de autoridade aplicar-se ao apaziguamento do paiz e acabar o espirito de facção que tanto tem prejudicado a marcha dos negocios nos ultimos anos.

Afonso Costa

e a sua acção em Paris

O partido democratico continua a manter a sua diplomacia e o seu chefe dr. Afonso Costa continua, de Paris, em estreita comunicação com o directorio do partido que reune em Lisboa para resolver os assuntos importantes e que ordena a linha de conducta que deve er observada pelos seus representantes no Parlamento, no exercito e na armada. O partido nacionalista formado pela coligação dos liberais e reconstituintes do sr. Alvaro de Castro que póde vir a ter uma grande importancia na politica futura do paiz, ainda não definiu bem os seus fins. Referindo-se depois á situação financeira mostra o esforço feito para a melhorar mas diz tambem que as despezas foram aumentadas em muitos milhões de escudos.

Os T. M. E.

e os negocios publicos

O mesmo jornal diz que é bastante estranho que tendo Portugal homens de negocios de primeira ordem, nunca consiga uma boa administração dos dinheiros publicos. Acrescenta que as obras publicas estão despresadas e que o estado das estradas é pessimo. Refere-se tambem á pessima administração dos Transportes Maritimos do Estado.—(R.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.° — Tel. C. 5020

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.° — RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TELEF. C. 1196

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças — Cirurgia infantil
Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.°—Telef. C. 5020

Cinema Condes

O sucesso de «Mãos de arminho» — A estreia do seu 4.° capitulo

Estreia-se amanhã no Condes o 4.° capitulo do esplendido romance de aventuras policiais «Mãos de arminho», que tão justificado exito tem alcançado. O publico que tem seguido as exibições do notavel «film» espera justificadamente sensacionais surpresas que em cada capitulo se revelam atravez da sua violenta e impressionante acção. No programa de hoje figuram tambem o primoroso «film» de arte americano «Sacrificio em silencio» e a chistosa comedia do pretinho Africa «Caralinda e a lei sêca».

TEATRO NACIONAL
Hoje: irrevogavel despedida da sensacional peça policial
20:000 DOLLARS
QUARTA-FEIRA em recita da moda—1.ª representação da comedi-farça O CABEÇA DE TURCO, original de D. Antonio Fernandez Lapina, adaptação livre de Carlos Ferreira e Jorge Santos — Bilhetes á venda

TEATRO SÃO LUIZ
Semana de LA GOYA
HOJE
1.° espectaculo da celebre «tonadillera» La Goya que cantará 8 canções, algumas novas e outras de maior sucesso, entre elas a popular AURORA que cantará no meio do publico. La Goya apresentará o seu scenario e os seus riquissimos trajes
A FESTEJADISSIMA REVISTA, COMPLETA
FADO CORRIDO
Preços populares — Geral 2$00

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira — Telefone 3:028-N.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
Direcção artistica de ARAUJO PEREIRA
A peça de extraordinario éxito
ALMA FORTE
Brevemente: A FERA, original de Ramada Curto

EDEN TEATRO
VARIEDADES-ESPECTACULO PERMANENTE
2 — SESSÕES — 2
Ás 21 horas e ás 22,45 horas
HOJE — RECITA DA MODA — HOJE
Despedida do baritono português ANTONIO CALDEIRA
EXITO COLOSSAL
LUIZA DE LERMA—Bailes espanhois, mexicanos, cubanos e «yankées» — Grande luxo de vestuario e decorados das mais celebres costureiras de New-York
Grande sucesso — Maruja del Oro, Charito Campoamor, Gran Ariñano, Carmen de Cadiz, Dani Garcia, Consuelito Lopes, Helenita Mari, Pepita Renau
Sexteto dirigido pelo maestro JOSÉ BONET

AVENIDA PARQUE
Antigo Parque Mayer (á Rua do Salitre)
VARIEDADES
RECREIOS e DIVERSÕES
Concertos de *jazz-band*.—Serviço de refrescos na esplanada.—Teatros.—Glissagem.—Tombola de animais
O RECINTO MAIS ANIMADO E AGRADAVEL DE LISBOA
As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiros e familias têm ENTRADA GRATUITA

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 2 espectaculos 2 — HOJE
A fenomenal revista
FADO CORRIDO
SUCESSO INEGUALAVEL
PREÇOS POPULARES
Fauteuils, 1.ª fila, 10$00; Cadeiras, 4$00; Geral, 2$00

APOLO Telefone n.° 4129
As Pupilas do sr. Reitor
NOTAVEL EXITO
— DA —
Companhia Maria Matos-Mendonça Carvalho

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

A CARIDADE

A POSSE

DO NOVO PROVEDOR

da Assistencia Publica

Hoje, ás 15 horas, tomou posse do cargo de Provedor da Assistencia Publica de Lisboa, o sr. Fausto de Figueiredo. Assistiram ao acto, além de todos os funcionarios da Assistencia, o sr. Cunha Leal, Peres Trancoso, Mario de Carvalho, da Associação Industrial, Joaquim Domingues, dr. João Luiz Ricardo, Raul Esteves dos Santos, etc.

O ministro do trabalho, sr. Rocha Saraiva, começa por declarar que é com o maximo prazer que vai investir no alto cargo de Provedor da Assistencia Publica o sr. Fausto de Figueiredo. Tem esperança na inteligencia e no coração do novo provedor. Enquanto ele fôr ministro do trabalho, pode o sr. Fausto de Figueiredo contar com o seu apoio incondicional.

O sr, dr, João Luiz Ricardo traça o perfil do novo provedor, mostrando as suas excelentes qualidades de coração e caracter.

Frases ao acaso:

—A despesa com a Assistencia Publica orça por vinte e quatro mil contos anuais. E' preciso que acabe de uma vez para sempre a politica dentro desta casa. O primeiro passo que o sr. provedor deve dar é junto do sr. ministro das Finanças, para que voltem para esta casa as receitas do selo da Assistencia. Esse imposto deve render 2.000 contos anuais.

O sr. dr. Sobral de Campos tece os mais rasgados elogios ao novo provedor, em nome dos funcionarios da Assistencia, fazendo judiciosas considerações sobre o assunto. Recorda a acção de Peres Trancoso como ministro das Finanças.

O sr. Mario de Carvalho, presidente da Associação Industrial, diz que o sr. Fausto de Figueiredo terá o seu apoio franco e leal.

Vai falar o sr. Fausto de Figueiredo. Agradece todos os elogios que lhe foram dirigidos. Desde já declara que aceita a colaboração do sr. dr. Sobral de Campos e dela não prescinde.

SANTOS FARINHA

EXEQUIAS

Por iniciativa duma comissão de pessoas amigas do saudoso dr. Santos Farinha, composta das sr.as D. Aurora de Macedo e D. Matilde Taveira, e srs. Alberto Gonçalves, Alfredo da Silveira e Lorena, Alfredo Facco Valentim, D. Bernardo Mesquitela, D. Bernardo José Mesquitela, Condes da Foz e de Mafra, Delfim Guimarães, Fernando de Sousa, Frederico Taveira, dr. Preto Pacheco, Joaquim Fiuza, reverendo Filipe Cardoso, dr. Manuel Anaquim, Pedro da Costa Peireira e Rodrigo Afonso Pequito, celebram-se exequias no dia 22 do corrente, pelo meio dia, na igreja do Sacramento, templo onde aquele ilustre orador sagrado disse a sua primeira missa e pronunciou o primeiro sermão. Ao acto, a que assistirão todos os seus inumeros amigos, preside o sr. Cardeal Patriarca que tomará logar numa das tribunas do lado do Evangelho.

Professores primarios

Foi exonerado de professor da escola primaria superior de Angra do Heroismo, o sr. José Bernardo de Almada, a quem ha tempo fôra ordenada uma sindicancia por motivo de um incidente com uma aluna.

O tunel do Rossio

Não têm o menor fundamento as noticias que se propalaram de que a estação do Rossio vai cessar temporariamente o seu serviço de comboios, o qual passaria a fazer-se pela estação de Alcantara em virtude das grandes obras de reparação de que o tunel necessita.

Ora a verdade é que este não precisa de trabalhos que exijam a suspensão do movimento ferro-viario, pois são apenas aqueles a que procede permanentemente uma brigada especial encarregada da sua vigilancia e reparações indispensaveis em obras de arte desta natureza.

Previne-se, portanto, o publico, de que a saida dos comboios continuará a fazer-se, como até aqui, pela estação do Rossio.

O CASO DO DIA

A situação

FINANCEIRA

agrava-se cada vez mais . . .

O sr. dr. Vasco Borges é dos raros politicos refratarios ao calor. Toca os dois polos da politica e da elegancia, respectivamente no Directorio do P. R. P. e no Gremio Literario. Viajando de ordinario entre estes dois extremos, encontrá-mo-lo hoje, atravessando o Sahará do Chiado, á hora terrivel do meio dia.

Um largo aperto de mão. Dois cigarros que se acendem, uma pregunta, que tem uma resposta, e o dialogo segue:

—O que há?

—As dificuldades financeiras são cada vez maiores, verdadeiramente aflitivas.

—Essa situação é devida, sem duvida, a grandes desembolsos... O proprio Estado deve para cima de seis mil contos.

—Essa situação reflete-se em todo o comercio...

—Em todo! Há dois dias os fabricantes de conservas de Setubal fizeram saber ao governo que, pela mesma razão, tinham de encerrar as suas fabricas, ficando sem trabalho talvez milhares de operarios. A maior parte dos industriais de Lisboa estão nas mesmas condições.

—A não remedear-se este estado de coisas...

—Será a irremissivel condenação á *chômage*. Milhares e milhares de operarios ficarão sem trabalho.

—O que fará o governo?

—Não sei! A situação agravar-se-há ainda mais com o aumento do preço do pão, já anunciado.

—Para o evitar, continua a preconisar o aumento da circulação fiduciaria?

—Nos termos em que o propuz, isto é, entregando os bancos no Banco de Portugal, ouro ou titulos ouro, que constituissem a normal reserva ouro e recebendo em troca a correspondente habilitação em escudos, sem duvida nenhuma. Não poderia ter efeitos perniciosos um aumento que desse modo ficaria inteiramente neutralizado.

E uma afirmação concreta, desempenada:

—Seja como fôr, o que o governo não tem é o direito de ficar de braços cruzados em face duma situação, cujo perigo não desaparece só porque se não aumenta a circulação fiduciaria.

—Ha varias soluções a adoptar...

—O curso forçado do cheque seria porventura uma solução interessante. Como, porêm, implica a necessidade duma medida ditatorial em materia melindrosa, provavelmente o governo não quererá adopta-la.

E o sr. dr. Vasco Borges, fechou a entrevista, dizendo:

—Resta o recurso ao chamado cheque cruzado que não sendo remedio completo, pode todavia atenuar muito as dificuldades da situação, sem exigencia de legislação inconstitucional.

UMA REPRESENTAÇÃO

A Caixa Geral de Depositos

e o aumento

da circulação fiduciaria

A Caixa Geral dos Depositos acaba de fazer uma representação ao sr. ministro das Finanças, contra um novo aumento de circulação fiduciaria, o momentoso problema financeiro.

Já foi publicado, em varios colegas nossos, o teor dessa representação. Todavia, impunha-se uma entrevista com qualquer membro do Conselho Administrativo da referida Caixa.

Para esse efeito, somos recebidos pelo sr. dr. Amancio Alpoim, que nos assegura:

—Tudo o que poderia dizer já veiu nos jornais. Não será melhor esperar melhor oportunidade?

—Como se trata dum assunto de interesse publico...

—Não. A entrevista fica para mais tarde. Esperemos que a imprensa aprecie a nossa representação. E, nessa altura, falaremos...

Não insistimos mais—e saimos. Mas como o aumento da circulação fiduciaria anda agora em todas as bocas, não achamos superfluo dar aqui, aos nossos leitores, alguns topicos da representação da Caixa Geral dos Depositos, dipensando-nos de fazer quaisquer comentarios.

A representação começa por analisar os varios motivos que se apontam como causadores da falta de notas, e que são o seu entesouramento nas mãos de particulares, a sua retenção por parte de especuladores estrangeiros e a sua maior saida nesta epoca para a provincia. A Caixa não concorda—e referindo-se ao primeiro ponto diz que «nunca na nossa terra se dispendeu e girou numerario como agora»; quanto ao segundo afirma que a «existencia de notas no estrangeiro é absolutamente improvada, e até mesmo desmentida»—e quanto ao terceiro ponto diz que «sempre, por esta epoca, o capital numerario saiu em grande massa da capital para o campo», sem que por tal motivo se estabelecesse crise igual á que se atravessa.

Passando a expôr as consequencias, a seu ver desastrosas, de qualquer novo aumento fiduciario, uma delas o enorme prejuizo sofrido pelo Estado na valorização dos titulos do emprestimo, afirma a representação da Caixa Geral dos Depositos: «O aumento da circulação, repercutida impiedosamente no cambio, vem agravar fatalmente o pesado encargo do emprestimo. Passa a 20 ou a 25 por cento o juro efectivo da operação; passam a valer 100$00 ou 150$00 os libras compradas a 45$00».

Analisa, em seguida, a representação, o efeito dos ultimos aumentos de circulação fiduciaria, concluindo que elas redundaram em absoluta perda. E afirma categoricamente: «Quanto mais a nota se desvalorisa, mais necessaria em quantidade se torna no giro economico dos particulares e cada vez menos aparece no mercado financeiro. E' o proprio enfraquecimento da nota que provoca a sua rareza, fenomeno já hoje indiscutivel, porque se verifica em todas as nações de nota envilecida».

A agressão no Parque Eduardo VII

Os feridos, vitimas da brutal agressão de ontem á noite, foram tratados no hospital de Santa Marta pelo ilustre cirurgião sr. dr. Casimiro Afonso, recolhendo depois a suas casas. Felizmente, o estado de Aprigio Mafra não é de molde a inspirar cuidados.

Vem a peito registar, por uma questão de justiça, que, tanto o sr. dr. Casimiro Afonso, como os enfermeiros—srs. João Ferreira Faustino e Manuel Francisco Conselos—que o auxiliaram, foram da maior solicitude para com os feridos.

Aspirantes de Marinha

Dos 25 concorrentes a aspirantes de marinha, foram aprouados 19, devendo estes brevemente serem nomeados.

Oficiais da armada

Vão ser agraciados com diversos graus de Aviz varios oficiais das diferentes classes da armada.

A INSTRUÇÃO

REUNIAO

DO PROFESSORADO

das nossas escolas moveis

Estava marcada para as três horas da tarde de hoje uma reunião dos professores das Escolas Moveis de todo o país.

Eram 4 horas quando subimos as escadas da Associação dos Caixeiros, na Rua Antonio Maria Cardoso. Apenas se encontravam na sala umas vinte pessoas, entre professores e professoras. Não admira. O calor aperta—e apetece pouco suportar uma viagem ferroviaria e a atmosfera asfixiante de Lisboa, para vir assistir a uma reunião, donde, provavelmente, não sairá mais que uma aluvião de palavras—como de quasi todas as reuniões.

Emquanto não chegam mais professores, na sala conversa-se. Ha uma pessoa que não pertence ás Escolas Moveis e que faz acerbas criticas ao Congresso de Coimbra, a determinada atitude do sr. ministro da Instrução, ao despreso manifestado pelas Escolas Moveis, etc.

* * *

A reunião tem um ar absolutamente familiar, embora se apresentem, parlamentarmente, «questões previas», etc.

Preside, gentilmente, a sr.a D. Ana Gomes Freire, secretariada pelos srs. Pedro Gastão Mesnier e Armando Carmo.

E' dada a palavra ao sr. Pedro Gastão Mesnier que se refere a uma noticia dimanada da Arcada, mostrando as desvantagens materiais, morais e profissionais, das transferencias constantes de professores.

Classifica de artificiosa essa informação da Arcada, pretendendo desmentir uma noticia anterior. Não vê vantagem alguma nas disposições que se anunciam:

— Não quero sequer pensar que elas sejam motivadas pelo desejo de servir os interesses dalguns professores...

Sobre as Escolas Moveis:

— A lei permite a extinção das Escolas. Não é isso, porem, o que se quere fazer, mas sim uma verdadeira «contradança» de professores. E dahi resultarão apenas prejuizos para os professores, para os alunos e para o ensino.

O sr. Armando Carmo propõe que a assembleia se manifeste sobre se podem usar da palavra pessoas estranhas á classe. E' aprovado que possam.

A sr.a D. Ana Gomes Freire agita de vez em quando a campainha para interromper as conversas.

O sr. Armando Carmo diz que as Escolas Moveis têm tido uma vida anti-pedagogica e anti-humana. Devido á sua organização deficiente, não têm podido cumprir a sua missão. Mostra o martirio que é a vida do professor das Escolas Moveis.

O orador é por vezes eloquente, de gestos largos, provocando apoiados da assistencia.

—Nós temos que ir dizer ao sr. ministro da Instrução que o que se pretende fazer é anti-educativo e barbaro!

Passando do tragico ao comico, conta varios casos que provocam hilariedade.

Depois de larga discussão, toda orientada no sentido de pedir ao ministro da Instrução que se não efectue a anunciada «contradança», propõe-se a nomeação duma comissão para tal efeito.

Feiras Internacionais de Francfort

De 23 a 29 de setembro, deste ano, de 6 a 12 de abril e de 21 a 27 de setembro de 1924, realizam-se em Francfort tres grandiosas Feiras Internacionais.

O sr. Georg Hornecher, Rua Nova do Almada, 69, 3.°, fornece, sobre o assunto todas as indicações.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432 — Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.°—(«Jornal da Europa»)